

PSICANÁLISE, RELIGIÃO E POLÍTICA: UM ESTUDO PSICANALÍTICO A PARTIR DA OBRA “O CRIME DO PADRE AMARO”

Otniel Fernandes¹

Gustavo Angeli²

RESUMO: Este artigo tem por objeto de estudo o discurso moral religioso expresso na obra “O crime do Padre Amaro”, pretendendo, por este, identificar as dinâmicas inconscientes que sustentam seu poder de dominação, bem como seus possíveis desdobramentos ideológicos e sociais, visto que a obra insere-se em um contexto de mudanças estruturais no final do século XIX, com a Igreja reforçando seu controle ao utilizar o discurso simbólico/religioso a fim de conservar seu poderio em Portugal, pois perdia espaço para a burguesia e temia a conscientização da massa expropriada. Pela via de uma psicanálise aplicada, alude-se à atual conjuntura política brasileira, marcada pela eminência pública do discurso moral/religioso atrelada ao avanço do projeto neoliberal e o recrudescimento do capitalismo dependente. Discute-se que, por intermédio da teoria psicanalítica, é possível rastrear em “O crime do Padre Amaro” os desencadeamentos inconscientes que subjazem à submissão de Amélia e, por sua vez, à submissão (in)voluntária das massas aos apelos do líder quando assume o lugar do pai/padre.

Palavras-Chave: psicanálise aplicada; literatura; religião; política; moral.

ABSTRACT: *This article has as its object of study the religious moral discourse expressed in the work “The Crime of Father Amaro”, intending to identify the unconscious dynamics that sustain its power of domination, as well as the possible ideological and social unfoldings, since the work is part of a context of structural changes at the end of the 19th century, with the Church reinforcing its control by the use of symbolic/religious discourse in order to preserve its power in Portugal, as it lost space to the bourgeoisie and feared the awareness of the*

¹ Acadêmico de Psicologia pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFE. [E-mail: n.otniel@gmail.com](mailto:n.otniel@gmail.com)

² Psicólogo pela Universidade Regional de Blumenau. Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Brusque

³ -UNIFE. E-mail: gustavooangeli@gmail.com.



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

expropriated mass. Through an applied psychoanalysis, the current Brazilian political situation is alluded to, marked by the public eminence of moral/religious discourse, linked to the dismantling of the welfare state and the resurgence of dependent capitalism. It is argued that, through psychoanalytic theory, is possible to trace in “The Crime of Father Amaro” the unconscious triggers that underlie Amélia’s submission and, in turn, the (in)voluntary submission of the masses to the leader’s appeals when he takes the place of the father/priest.

Keywords: *applied psychoanalysis; literature; religion; politics; moral.*



1. INTRODUÇÃO

O presente artigo se destina ao exercício de uma psicanálise clínica, política e social que, ao estender seu escrutínio sob a obra “O crime do Padre Amaro”, discorre sobre a relação entre o exercício do poder político e religioso. O contexto histórico em que a obra “O crime do Padre Amaro” (1875/2002) se insere muito se relaciona com aspectos de nossa época, quando a mobilização de vertiginosas mudanças paradigmáticas põe em discussão modelos identificatórios estruturantes das subjetividades. Como pontua Freud (1921/1976), cada indivíduo é uma parte que compõem numerosos grupos, ligando-se por vínculos de identificação em muitos sentidos, construindo seu ideal de ego a partir de modelos variados, sobremaneira que cada sujeito partilha de variadas mentes grupais, podendo ultrapassá-las na medida em que possui vestígios de independência e originalidade.

A realização desta análise possui importância dupla, pois além de oferecer o aprimoramento teórico e prático dos componentes discursivos presentes na teoria psicanalítica, oferece à comunidade científica a reflexão em torno de temas de extrema importância em nossa atual conjuntura política brasileira. Sabe-se que a onda conservadora, advogada por determinados segmentos da sociedade, viabilizou a iminência pública do discurso moral religioso que, se atrelando ao projeto neoliberal e ao aprofundamento do capitalismo dependente, marcante na América Latina, resultou no agravamento das desigualdades de classe social, gênero e raça, bem como na manutenção de uma lógica antissocial que, conforme Fernandes (1980), faz



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

referência à expropriação do trabalho e à exportação do excedente econômico, elevados níveis de extração de mais valia, privatização de setores estratégicos da economia, privilégios exclusivos aos interesses privatistas, desprezo às demandas dos trabalhadores, oferecimento prioritário de auxílio e vantagem ao capital privado, diminuição do investimento público em políticas sociais, os quais desencadeiam, por essa via, ameaças ao caráter de garantias sociais fundamentais. O estado brasileiro, após a implementação do ‘teto de gastos’, reduziu drasticamente o investimento público no Sistema Único de Saúde, atravessando uma grave crise sanitária, demonstrada pelo enfraquecimento de medidas de enfrentamento à pandemia da SARS-CoV-2, o que gerou o óbito de mais de 671 mil brasileiros (CONASS, 2022). Atentando para o fato de a religião ser um importante componente discursivo, utilizado por proeminentes figuras políticas, pretende-se realçar as potentes dinâmicas subjacentes a este, usando como recurso a mencionada obra romanesca.

A obra ‘O crime do Padre Amaro’, escrito por Eça de Queiroz no ano de 1875, apresenta a Portugal o estilo literário chamado ‘realismo-naturalismo’. Seu conteúdo choca a sociedade do século XIX (COUTO *et al.*, 2005) devido à denúncia da hipocrisia moral e religiosa. O escopo dessa obra gira em torno de severas críticas à forma como os padres exerciam a vida sacerdotal e às desigualdades sociais perpetuadas sob a chancela do poder religioso. Para isso, utiliza o caso de um jovem padre chamado Amaro e seu trágico romance com Amélia, moça de Leiria, interior de Portugal.

Amparada por discussões teóricas e exames bibliográficos, a presente elaboração se dispõe a identificar as dinâmicas inconscientes que sustentam o discurso moral religioso presente na obra queiroziana, a articulação com as produções psicanalíticas que dizem da psicologia das massas, visando problematizar a correspondente relação do discurso moral analisado e seu entrelaçamento com dispositivos políticos e sociais, evidenciando o olhar crítico da psicanálise sobre as próprias instituições humanas, as artes, o conhecimento, a “racionalidade”, a atual noção de homem e o vasto tecido social.

Fica-se assim com a impressão de que a civilização é algo que foi imposto a uma maioria resistente por uma minoria que compreendeu como obter a posse dos meios de poder e coerção. Evidentemente, é natural supor que essas dificuldades não são



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

inerentes à natureza da própria civilização, mas determinadas pelas imperfeições das formas culturais que até agora se desenvolveram (FREUD, 1927/1990, p. 04).

Por conseguinte, sob a ótica psicanalítica, pretende-se tensionar articulações entre política, psicanálise e religião. Para isso, explicita-se o método de análise empregado, os textos psicanalíticos que fomentam a reflexão em torno dos temas, a contextualização da obra enfatizada, tal qual sua posterior análise, fruto do arranjo entre teoria e prática psicanalítica, intuindo apreender fragmentos da obra que evidenciam a psicologia das massas das quais somos suscetíveis e possíveis de vislumbrar na atual conjuntura social brasileira.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 SOBRE PSICANÁLISE E POLÍTICA

Freud (1925/2006), no prólogo destinado a elogiar o tratado de pedagogia de um amigo, escreve: “adotei o dito espirituoso dos três ofícios impossíveis, isto é, educar, curar e governar” (p. 307). Doze anos mais tarde, ao falar sobre as “pesadas exigências” às quais o psicanalista deve se sujeitar exercitando sua prática, reconhece que “quase temos a impressão de que analisar seja a terceira dessas profissões impossíveis, de cujo pouco sucesso podemos estar seguros. As duas outras, há muito conhecidas, são educar e governar” (p. 160). Ao atentar-se a esta declaração, vê-se as pistas do que Freud pensava sobre política e sobre o poder de maneira geral.

Quando Freud faz uso do adjetivo “impossível”, não está anunciando a impotência desses fazeres. Pelo contrário, está indicando as condições reais dessas tarefas que sempre se realizarão aquém das grandes ambições. Essa espécie de “esperança utópica”, no caso da política, pode ser origem da paixão que nos leva a procurar a mão do Salvador da Pátria, ou o sonho positivista de uma previsão exata do futuro. A valer, no passado o político era a expressão da ordem do divino e do mágico, atualmente é confiado às decisões técnicas dos profissionais da probabilidade ou entregue nas mãos das místicas caricaturas carismáticas (GOLDENBERG, 2006). Cabe ressaltar que, ao se



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

analisar o fenômeno político, faz-se relevante reconhecer que este se assemelha às artes, tornando necessária a precaução contra a postura inocente de objetividade do cientista político no seu afã de identificar leis formais que atuem sobre as massas humanas, em cujo arranjo se excluíam as paixões incalculáveis que movem os interesses mais contraditórios entre si (GOLDENBERG, 2006).

Desse modo, pontua-se que o olhar da psicanálise sobre a política se inscreve ao problematizar a ideia de “bem comum”, que visando amenizar o conflito de interesses e desejos individuais, traduz a necessidade de renúncias que os sujeitos devem consentir para ninguém sair lesado unilateralmente. As consequências dessas renúncias, são alvos da análise freudiana, que repensa a noção de felicidade e mal estar.

Quanto ao alcance do exame psicanalítico, Freud (1926/1996), em seu artigo intitulado “Podem os leigos exercer a psicanálise”, enfatiza que esta, ao ser a “psicologia das profundezas”, pode tornar-se indispensável para toda a produção de conhecimento que leva em conta a gênese da civilização humana e de suas grandes instituições, tais como: a arte, a religião e a ordem social. Mais tarde, ao reivindicar o direito de estudar as “ciências da mente” em “Novas Conferências de Introdução à Psicanálise” (1936/1996), diz ser a psicanálise uma potente contribuição para a arte, a história das civilizações e das religiões, a mitologia, a filosofia, a literatura, a sociologia e a pedagogia. Vemos nisso a concepção de Freud, que descreve a psicanálise como produto da cultura, mas também como ferramenta crítica das próprias produções culturais nas quais se inscreve.

Em “Psicologia das Massas e análise do eu” (1921/1976), Freud demonstra que toda psicologia individual é também psicologia social ao considerar a presença do outro, que se apresenta como modelo, objeto ou adversário. A oposição entre o individual e o coletivo se tensiona ao descrever os processos libidinais envolvendo o outro, também em considerações relativas ao narcisismo. No texto, o autor lembra do dispositivo clínico da hipnose, apresentando o conceito de ego — polo psíquico que surge do inconsciente como esfera de adaptação à realidade — e ideal de ego — polo psíquico que condensa a dimensão de um ideal de referência do ego. Partindo



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

desses conceitos, Freud teoriza sobre os fascínios coletivos, fenômeno existente na época que resultou no surgimento do nazismo e fascismo, discernindo que as multidões obedecem a uma perigosa organização que, caso estabilizada, poderia transformar o líder simplório de turba em guia da nação ou uma espécie de grande pai. Nesse contexto, Freud analisa o mecanismo de formação da Igreja e do Exército em torno de um líder, elevado ao lugar de ideal de ego pelos membros do grupo. Identifica-se, nessa dinâmica, a intensa similaridade entre o desenvolvimento da noção de eu individual na criança. (TELLES, 2015).

Freud assinala que o evidente fator de união das massas é o poder de Eros. Tal necessidade se manifesta tão intensamente nos grupos, que o sujeito se priva de questionamentos, rende-se ao contágio e à sugestão, para que a sensação de pertença prevaleça, reprimindo suas pulsões destrutivas, pontua Garrit (2021). Outro processo libidinal evidente na formação de massas é a identificação, que se manifesta na horizontalidade e verticalidade das relações. A identificação, segundo Freud (1921/1976), pode assumir três formas: (1) A forma primordial de ligação afetiva a um objeto; (2) como via regressiva que acomoda o objeto perdido investido libidinalmente, introjetando-o no Eu; (3) correspondente ao efeito de contágio e infecção psíquica na massa, que surge quando o Eu nota certa similaridade com outro sujeito que é objeto de pulsões sexuais sublimadas. Dessa forma, “quanto mais significativo esse algo em comum, mais bem-sucedida deverá ser essa identificação parcial, correspondendo, assim, ao início de uma nova ligação” (FREUD, 1921/1976, p. 49-50).

É importante frisar que a identificação, à semelhança do enamoramento e da hipnose, ao introjetar o objeto no Eu, pode gerar reações drásticas a fim de manter dada configuração narcísica. Como assinala Freud (1921/1976, p.56), “na cegueira do amor, o indivíduo pode se tornar, sem remorsos, um criminoso. Toda a situação pode ser resumida cabalmente numa fórmula: O objeto se colocou no lugar do Ideal do Ego”. Conforme Telles (2015), não podemos admitir a desconsideração do papel relativo que a política tem na condução de massas. O líder político desponta em três formas: autonomia pela introjeção da lei, regressão pela busca da proteção e



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

identificação com a onipotência do pai da horda. Isso leva a reflexões sobre o fundamento inconsciente da suscetibilidade do comando das massas a um líder, ideal ou projeto, remontando ao fenômeno religioso, elemento fundamental da obra ‘O crime do Padre Amaro’, bem como ao componente ideológico que recheia o atual discurso político brasileiro. Desse modo, prossegue-se o trabalho de pesquisa, investigando, sob os signos do divino, a dimensão íntima do homem que anseia por amparo — expressão do desejo infantil.

2.2 SOBRE PSICANÁLISE E RELIGIÃO

Conforme Morano (2003), a interpretação freudiana sobre a religião lança mão de dois eixos hermenêuticos, a saber: sua relação com a neurose e outra com o sonho. Cabe, nesse trecho, explicitar as produções psicanalíticas que fazem menção ao fenômeno religioso, imbricado nas formulações teóricas de Freud análogas à neurose.

Esse tema aparece inicialmente nas produções psicanalíticas associadas aos estudos sobre a neurose histérica. Pois Freud, ao compreender a dissociação da consciência, deparou-se com o processo de perversão da vontade, um querer inconsciente que, proveniente do recalcado, impõem sua manifestação. Nessa luta de vontades, a religião é entendida por Freud como uma força que luta pelo querer consciente e repressor, complementa Morano (2003), apresentando-se como um importante oponente ao mundo dos desejos do sujeito e, como consequência, um fator que contribui em muito para a escolha e desenvolvimento de neuroses.

Para Ésther Melo Shiga (2015), Freud, ao escrever o Projeto (1985), já estabelecia uma relação entre a prematuração do bebê humano, que necessita de cuidado e ajuda de outros, com o surgimento de motivações morais “[...] o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais” (p. 370). A religião, então, articulava-se com o sentimento de desamparo, estruturante em nossa subjetivação. Shiga (2015) prossegue dizendo que a principal relação entre psicanálise e religião é a



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

descoberta, via análise: a criança, ao depender absolutamente do cuidado de seus genitores, em algum momento, experimenta a ausência destes; ela então se questiona, vivenciando a não garantia de proteção contra o vazio. Nessas condições, o ser humano desenvolveria religiosidade — saudade de um pai onipotente, colocado nos céus — advinda da dificuldade de ajudar a si e de sua clara fragilidade ante as dificuldades da existência.

Em “O Futuro de uma ilusão”, Freud (1927/1996) faz uma análise psicológica a respeito do desamparo e do sentimento religioso. Nesse ensaio, são abordadas diversas questões referentes às produções culturais, descrevendo os aparatos “sagrados” como frutos da elaboração cultural que auxiliariam a suportar o desamparo fundamental da condição humana. Para Freud (1930/1996), as fontes do sofrimento humano surgem ante o poder devastador e implacável da natureza, a ameaça de deterioração, a decadência que vem de nosso próprio corpo, e o sofrimento advindo das relações entre os humanos. Portanto, a religião surgiria como uma laboração inconsciente, que remontaria à proteção e aos cuidados dos genitores.

O desamparo do homem, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Estes mantêm sua tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhe impôs (FREUD, 1928/2006, p.26).

Quanto à relação entre religião e neurose, retoma-se os escritos de Totem e Tabu (FREUD, 1913/1996), em que ambas possuem a mesma identidade de origem. Nessa obra, o chamado complexo de Édipo ultrapassa definitivamente as categorias do simples psicopatológico para se tornar uma categoria antropológica fundamental. Freud (1913/1996), ao assentar uma nova perspectiva sobre a problemática edípica, sugere que religiosos e neuróticos estarão, na variedade de suas ações, perpetuando a mesma estrutura edípica, impossibilitados de sair dos atoleiros que esse conflito infantil comporta, atualizando o embate com o pai, que agora se eleva à categoria de Deus — conflito em que a ambivalência afetiva prossegue desempenhando papel crucial. No mesmo texto, Freud (1913/1996) descreve um relato mítico, tendo por base teorias étnicas e antropológicas de sua época, em que apresenta a existência do Deus da religião como o grande pai de uma



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

horda primeva. Este pai ciumento e onipotente é assassinado e devorado pelos filhos, sendo a única forma que estes encontram para ter acesso às mulheres que ele possessivamente preservara para si. O assassinato primevo, tipo de pecado original e criador, seria o alicerce das grandes instituições sociais — moral, direito e religião. Porém, na sequência, o assassinato torna-se um grande fracasso: os filhos percebem que ninguém poderia, agora, ocupar o lugar do pai, sob consequência de que o crime continuasse acontecendo. Este lugar deveria, então, permanecer vazio. É justamente nessa lacuna deixada pelo pai que a religião encontra seu solo frutífero. Freud (1913/1996) segue nos dizendo que, deste lugar vazio, o pai morto recuperou sua existência, primeiro tomando a forma do animal totêmico do clã, depois se apresentando em heróis, deuses e demônios, para finalmente ressuscitar na figura do Deus único judaico-cristão, que expressou com grande luminosidade a eminência do recalcado “protopai”.

Para Shiga (2015), o totemismo, além de se desenvolver como um sistema social, pode ser entendido como a primeira religião, já que o totem seria o primeiro substituto paterno e, a partir do culto e das cerimônias, o sentimento de culpa poderia ser abrandado, viabilizando uma nova relação com o pai. Nesse sentido, “[...] um sentimento de culpa surgiu, o qual, nesse caso, coincidia com o remorso sentido por todo o grupo. O pai morto tornou-se mais forte do que fora vivo” (p. 146). Portanto, o rastro psíquico que fundamentaria a suscetibilidade humana à religião, tal qual as aspirações ilusórias por um grande líder, estaria cravado na história ontogenética e histórico/cultural do homem. “Não consigo pensar em nenhuma necessidade da infância tão intensa quanto a da proteção de um pai” (FREUD, 1930/1996, p. 81).

Partindo dessas considerações teóricas, denota-se que a relação estreita entre política e religião se estende ao longo das culturas e sociedades, visto que há, inerentemente ao ser social, o ser desejante, que carrega as marcas de sua infância, atravessada por forças pulsionais, bem como pela demanda de cuidado e proteção ante o desamparo. Sob esse substrato psíquico, constroem-se expectativas e ambições que, não raro, utilizadas de forma perversa por aqueles que assumem o lugar do pai, propõem-se como solução do desamparo, tornando-se condição de alienação do próprio sujeito.



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

Destina-se, a seguir, uma breve descrição sobre a relação entre religião e o processo criativo, presente nos sonhos e nas artes, tal qual a contextualização da obra queiroziana, que expressa com clareza a sedução de um ente que encarna o lugar do pai/padre, sustentado pela sujeição desejante, produto do discurso moral/religioso entremeado na cultura e subjetivação da personagem Amélia.

2.2.1 A Religião como criação

Considerando a ligação estreita entre o processo criativo, fomento de formas, credos, mitos e dogmas, presentes nas expressões religiosas, diante do desamparo que os seres humanos estão expostos — natureza, destino e sociedade —, dedica-se neste ínterim breves apontamentos sobre a potência criativa que habita a falta estrutural, deixada pelo pai — espaço supostamente tamponado por Amaro — no intercurso fantasioso de Amélia.

Sobre seu exame da cultura, pontua Freud (1932/1976), que existia uma óbvia deformação entre os fatos históricos e sua representação mítica, deformação esta da mesma índole, ou até mais violenta, do que aquela que enfrentava cotidianamente quando reconstituía o sonho dos pacientes e suas experiências infantis recalcadas. Apresenta, neste dito, a similaridade entre as descobertas psicanalíticas sobre a produção onírica, e as elaborações culturais, religiosas, artísticas e filosóficas, quais a psicanálise também estende seu olhar investigativo. No mesmo texto, Freud recomenda o escrutínio psicanalítico sobre esses produtos a fim de interpretar os conteúdos manifestos, tal qual os recalcados, que fundamentavam sua representação deformada no social. Portanto, haveria uma gama de transformações e disfarces, produzidos por determinadas tendências, às vezes antagônicas, que expressariam, marcadas por operações e mutilações, o seu sentido latente.

Compreende-se, a partir disso, que, pelo prisma da criação, a religião como processo inventivo se assemelharia à arte, porquanto seria uma forma de traduzir a falta estrutural que habita o homem, como também a tradução sublimada de anseios inaceitáveis/recalcados, estabelecendo laços no social com os quais, nessas expressões, se reconhecem. Desse modo, aqui estaria



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

a analogia da religião e o sonho, mencionado por Morano (2003), como produto de laborações inconscientes que, em última instância, exprimiriam sublimadamente o retorno de fantasias infantis, viabilizando a criação artística. Coadunando esse pensamento, Freud (1908/1996) se refere à criação na arte literária como o exercício da busca em fantasias infantis, elementos valiosos na composição de uma obra, pois esses fragmentos fantasmáticos substituiriam prazeres experimentados na tenra idade. Portanto, uma determinada ocasião excitaria os desejos do sujeito, cuja lembrança remeteria a uma situação passada em que tal desejo fora realizado, estimulando o artista a criar uma situação futura em que seu desejo possa se realizar. Ou seja, é na criação que o artista — e a plateia — satisfaz de maneira sublime seus desejos recalçados.

Para Green (1982/1994), a criação se vincula à tentativa de encontrar o objeto perdido, ligado a impressões originárias (as fantasias de origem), tentando criar algo, que rompa com os mestres e marque um início absoluto. Logo, a obra é tanto criadora como destruidora. Desse modo, podemos lembrar temas sugestivos da tradição cristã, como a morte/ressurreição, início dos tempos/fim dos tempos, ou a própria inscrição da obra ‘O crime do Padre Amaro’ em seu contexto social, marcada pela crítica ao romantismo e pela ascendência da escrita realista que espelhava as transformações filosóficas, políticas e culturais de sua época.

Em Laplanche (1992), vemos o processo criativo e, logo, a produção teológica, como uma resposta ao enigma da sexualidade. Esse enigma se apresenta como traumático, requerendo do psiquismo uma tradução, expresso pelas obras artísticas, tal como conhecemos — literatura, pintura, escultura, música e além. Entretanto, outros traumas, que não o originário, também dariam curso a tais produções no tecido social, como a morte de entes queridos, e outra variada gama de eventos.

Por conseguinte, verifica-se que habita, na falta estrutural do humano, a potência criativa de formular, à semelhança do processo onírico, deformações de desejos e marcas infantis, que se expressam, via sublimação, por construções culturais que se estendem ao plano das ideias, visões de mundo, crenças, dogmas, obras de arte, e até ambições de cunho político. Para Marcuse (1999), a potência da criação estaria ligada à ‘imaginação’, que expressaria a realização



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

das esperanças passadas, e não necessariamente o retorno a modelos antigos de satisfação. Esse movimento, em direção a transformações culturais, estaria vinculado à noção de progresso, que estimularia o poder criador, expresso em configurações sociais que superassem as estruturas ‘mais repressivas’ do modelo civilizatório, qual o paradigma do capital impõe.

Partindo das discussões sobre psicanálise, religião e política, explicitadas na atual produção, faz-se necessário inserir apontamentos sobre a inscrição da obra ‘O crime do Padre Amaro’ no contexto cultural que, como parte da vida do autor, se manifesta.

2.3 CONTEXTUALIZANDO A OBRA “O CRIME DO PADRE AMARO”

Propõe-se apontamentos sobre a obra “O crime do Padre Amaro”, escrito por Eça de Queiroz no ano de 1875, o qual, sob a corrente literária realista-naturalista, denuncia a hipocrisia moral religiosa existente em Portugal. Tecendo severas críticas à maneira como os sacerdotes exerciam a vida clerical, expõe as desigualdades sociais perpetuadas por esses poderes. Utiliza, para isso, a história do jovem padre Amaro e seu trágico enlace com Amélia, moça da cidade de Leiria.

O homem do século XIX vivia em um ambiente social atravessado por várias mudanças, pois a igreja perdia o controle político da sociedade para a burguesia. A industrialização tornava-se triunfante, fomentando uma série de protestos contra a opressão dos trabalhadores, bem como o aparecimento de invenções e descobertas que ampliaram o conhecimento dos homens nas esferas das ciências naturais (COUTO *et al.*, 2005). Tudo isso foi marcado por alterações no modo de vida dos cidadãos e na produção das subjetividades, pois, ressalta Guimarães e Jardim (2022), a posição que qualquer agente social ocupa nas relações é determinada por uma política — por um discurso —, embora a verdade sobre a distribuição de poder, imiscuído em cada interação, possa permanecer predominantemente inacessível à dita consciência.

Oliveira (2008) destaca que Portugal, vivendo a ascensão da burguesia e a consolidação de sua ideologia por meio do liberalismo econômico, acelerava o surgimento do capitalismo com todas as suas



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

implicações. Com o aumento da industrialização, os camponeses foram migrando para a cidade, indo ao encontro de más condições nas regiões industriais em expansão, acentuando contradições e vivendo à marginalização de uma massa expropriada que dava forma ao proletariado urbano, o qual não tinha mecanismos para se opor ao poder da burguesia crescente. Nesses âmbitos, as teorias políticas que deflagravam os regimes de opressão em que viviam os camponeses e trabalhadores ganhavam voz e espaço.

Inicialmente, pontua Oliveira (2008), Portugal se manteria resistente às mudanças ocorridas em outros países da Europa, porém isso muda com a disseminação do movimento realista que trouxe as novidades existentes no mundo. A sociedade portuguesa estratificada se mantinha com classes sociais diferentes que detinham meios distintos de exercer poder — aristocracia, a nobreza e o clero.

Somado a isso, Portugal vivia ainda a lógica colonialista herdada do século XVI, que tinha como principal fonte de exploração a América e a África, se restringindo a ações voltadas para o capitalismo mercantilista, complementa Oliveira (2008). Desse modo, Portugal usava como justificativa para as ações colonialistas a expansão da fé cristã, de forma que sacerdotes jesuítas seguiam as colônias, garantindo o domínio em nome de Deus (COTRIM, 1999). Nesse ponto, torna-se explícita a cooptação do discurso religioso a serviço de uma lógica capitalista e colonial e a idealizada forma de exploração política e social marcada pela obra.

2.3.1 Uma breve narrativa sobre “O crime do Padre Amaro”

Eça de Queiroz (1875/2002) descreve a história do jovem Amaro Vieira, menino pobre, filho de uma criada, que fora adotado pela rica marquesa de Alegros após a morte dos pais. Amaro tem sua educação voltada para o sacerdócio, embora não apresentasse inclinação alguma para exercê-lo, realizando-o como resultado da submissão às preferências de sua madrasta, a marquesa. No seminário, Amaro inveja os colegas que obtinham prazer nas práticas clericais. Aceita as funções, observações e cerimônias por conveniência, tendo em vista que antes do seminário vivia em situação



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

precária na casa de tios que o maltratavam. Durante seu período de estudos, vive momentos de devoção erotizada com coloridos lúgubres, experimentando desde cedo dificuldades em manter o celibato. Vide:

Na sua cela havia uma imagem da Virgem coroada de estrelas, pousada sobre a esfera, com o olhar errante pela luz imortal, calcando aos pés a serpente. Amaro voltava-se para ela como para um refúgio, rezava-lhe a Salve-Rainha: mas, ficando a contemplara litografia, esquecia a santidade da Virgem, via apenas diante de si uma linda moça loura; amava-a; suspirava, despindo-se olhava-a de revés lubricamente; e mesmo a sua curiosidade ousava erguer as pregas castas da túnica azul da imagem e supor formas, redondezas, uma carne branca... Julgava então ver os olhos do Tentador luzir na escuridão do quarto; aspergia a cama de água benta; mas não se atrevia a revelar estes delírios, no confessional, ao domingo (QUEIROZ, 1875/2002, p.25).

Depois de ordenado sacerdote por influência política, Amaro fora composto pároco na pequena vila de Leiria, onde conhece Amélia — filha de Sá Joaneira, amante de Cônego Dias. Morando na residência ultra religiosa de Joaneira, participa intimamente de todas as rotinas e programações, aproximando-se da jovem inexperiente Amélia. Ambos se envolvem apaixonadamente, entre rezas, cânticos e flertes. Nessa etapa da história, Eça de Queiroz (1875/2002) descreve cenas repletas de devoções religiosas, em que a eroticidade, o narcisismo e o ódio dos párocos se manifestam, de maneiras indiretas e caricatas, por meio de signos “sagrados” e expressões devotas. O romance nos mostra que esses personagens, ao serem contrariados ou criticados por hipocrisia, revelam seu mais visceral sentimento de ódio em relação a todos aqueles que, de alguma forma, ousam desafiar sua autoridade e deslegitimar sua consagração sacerdotal. Isso se evidencia quando Amaro descobre que a jovem se tornara noivado escrevente João Eduardo e, na tentativa de afastar-se das tentações que vivia na casa, abandona o recinto, relativizando sua posição de sacerdote e ressentindo-se com Amélia, “acusando-a, com o punho fechado, das comodidades que perdera” (p. 95).

Amaro, quando magoado com Amélia, fantasiava formas de humilhá-la, desprezando-a como uma “cadela”, enterrando-a, cobrindo-a de lama, insinuando que a mãe era uma prostituta. Ao mesmo tempo, almejava “ganhar influência da sociedade devota de Leiria” (p. 95) e exercer poder político sobre a cidade, ser visto como “bispo, na vasta escadaria hierárquica que sobe até ao Céu” (p. 95). Desejava estar “muito para cima dos homens, na zona de luz que



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

faz a face de Deus-Padre!” (p. 95), ser “par do reino” (p. 96), ter os padres da sua diocese tremendo ao ver franzindo a testa. Amaro odiava o mundo secular por lhe ter roubado os privilégios e, como o sacerdócio o impedia de prazeres humanos e sociais, refugiava-se em ideias de superioridade espiritual sobre os homens, pensando em como “aquele miserável escrevente podia casar e possuir a rapariga — mas que era ele em comparação dum pároco a quem Deus conferia o poder supremo de distribuir o Céu e o Inferno?” (p. 96).

O padre, ao mesmo tempo que, em fantasias, imaginava a humilhação de Amélia e o estabelecimento de *status* e poder na comunidade, constatava que seu domínio só era “válido da região abstratas das almas” (p. 96), nunca podendo manifestar-se por atos exuberantes em plena sociedade. “Era um Deus dentro da Sé — mas apenas saia para o largo, era apenas um plebeu obscuro” (p. 96), lamentando que o mundo irreligioso reduzisse toda a ação sacerdotal a uma pequena influência sobre almas beatas. Observava a diminuição social da Igreja, e o poder eclesiástico limitado ao espiritual “sem direito ao corpo, a vida e a riqueza dos homens”(p. 96), como lemos:

O que lhe faltava era a autoridade dos tempos em que a Igreja era a nação e o pároco dono temporal do rebanho. Que lhe importava, no seu caso, o direito místico de abrir ou fechar as portas do Céu? O que ele queria era o velho direito de abrir ou fechar a porta das masmorras! Necessitava que os escreventes e as Amélias tremessem da sombra da sua batina... Desejaria ser um sacerdote da antiga Igreja, gozar das vantagens que dá a denúncia e dos terrores que inspira o carrasco, e ali naquela vila, sob a jurisdição da sua Sé, fazer estremecer, à ideia de castigos torturantes, aqueles que aspirassem a realizar felicidades — que lhe eram a ele interditas (QUEIROZ, 1975, p. 97).

O romance de Amaro e Amélia levanta grandes suspeitas quando João Eduardo, noivo desta, enciumado com as atenções que a moça oferecia ao padre, escreve um comunicado ao jornal da pequena província denunciando as relações hipócritas e abusivas que os sacerdotes mantinham com a comunidade. O artigo provoca grande polémica, e Amélia rompe o noivado para, então, entregar-se de corpo e alma ao padre.

Durante o caso que mantinham às escondidas, Amélia e Amaro constroem uma série de subterfúgios, ludibriando a comunidade de Leiria e ocultando seus momentos de prazer com pretextos religiosos e aparências de



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

devoção. Nesse tempo, Amélia torna-se subserviente ao poder de Amaro, que usa seu carisma e prestígio a fim de mantê-la presa sob seus encantos, tornando-se o dono de suas ambições, vontades e opiniões. Vide:

Ela concordou logo — como em tudo que saía dos seus lábios. Desde a primeira manhã, na casa do tio Esguelhas, ela abandonara-se lhe absolutamente, toda inteira, corpo, alma, vontade e sentimento: não havia na sua pele um cabelinho, não corria no seu cérebro uma ideia a mais pequenina, que não pertencesse ao senhor pároco. Aquela possessão de todo o seu ser não a invadira gradualmente; fora completa, no momento que os seus fortes braços se tinham fechado sobre ela. Parecia que os beijos dele lhe tinham sorvido, esgotado a alma: agora era como uma dependência inerte da sua pessoa. E não lho ocultava; gozava em se humilhar, oferecer-se sempre, sentir-se toda dele, toda escrava; queria que ele pensasse por ela e vivesse por ela; descarregara-se nele, com satisfação, daquele fardo da responsabilidade que sempre lhe pesara na vida; os seus juízos agora vinham-lhe formados do cérebro do pároco, tão naturalmente como se saísse do coração dele o sangue que lhe corria nas veias. “O senhor pároco queria ou o senhor pároco dizia” era para ela uma razão toda suficiente e toda poderosa. Vivia com os olhos nele, numa obediência animal: tinha só a curvar—se quando ele falava, e quando vinha o momento a desapertar o vestido (QUEIROZ, 1875/2002, p. 233).

A paixão de Amélia saturava-a, tornando-a estúpida e obtusa a tudo que não dizia respeito ao senhor padre ou ao seu amor. Amaro, por sua vez, não lhe consentia interesses e curiosidades alheias à sua pessoa, proibindo-a até de ler romances e poesias. Dizia: “Para que se havia de fazer doutora? Que lhe importava o que ia no mundo?” (p. 234). Porém, guardava um medo de a ver escapar de seu império, perder sua adoração muda e absoluta, porquanto imaginava às vezes que se cansaria, com o tempo, de um homem que não lhe satisfazia as “ vaidades ” e gostos de mulher. Amaro desenvolve um ódio a todo o mundo secular que poderia atraí-la, “arrastando-a para fora da sombra de sua batina” (p. 235), e utiliza de diversos pretextos para censurá-la de toda a comunicação com a cidade, convencendo até mesmo sua mãe que não a deixasse ir só a lugares corriqueiros. Sempre lhe apresentava os homens como monstros de injustiça, cobertos de pecados como uma crosta, estúpidos e mentirosos; contava-lhe horrores de quase todos os rapazes da cidade. Simultaneamente, martelava-lhe os ouvidos com elogios do sacerdócio, desenrolando com eloquência e erudição glorificações da função de superioridade do sacerdote. Amélia convencia-se, como vemos:

Era este poder divino do padre, esta familiaridade com Deus, tanto ou mais que a influência da sua, voz — que a faziam crer na



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

promessa que ele lhe repetia sempre: que ser amada por um padre chamaria sobre ela o interesse, a amizade de Deus; [...] e que na sua sepultura, como sucedera em França a uma rapariga amada por um cura, nasceriam espontaneamente rosas brancas, como prova celeste de que a virgindade não se estraga nos braços santos dum padre [...] (QUEIROZ, 1875/2002, p. 235)

Todo o romance muda quando Amaro descobre que Amélia engravida, e a partir disso, de forma cínica e perversa, orchestra planos para esconder a gravidez da comunidade, arquitetando o dia do parto de Amélia em um lugar distante, enclausurada, para assim, preservar as aparências e o sacerdócio intacto.

Após dar à luz, Amélia morre de hemorragia, notando que seu filho fora roubado por Amaro. Este leva a criança a uma “tecedeira de anjos”, que desaparece com o bebê de maneira não anunciada. O infante, posteriormente, é dado como morto, embora fosse uma criança aparentemente saudável.

No final do livro, Amaro surge em Lisboa, conversando com seu colega sacerdote e com uma figura política sobre a situação social do país, louvando as contradições que o clero e as autoridades, em conjunto, ajudavam a manter:

— Senão, vejam vossas senhorias isto! Que paz, que animação, que prosperidade!

E com um grande gesto mostrava-lhes o Largo do Loreto, que àquela hora, num fim de tarde serena, concentrava a vida da cidade [...] Entre o largo onde se erguiam duas fachadas tristes de igreja, e o renque comprido das casarias da praça onde brilhavam três tabuletas de casas de penhores, negrejavam quatro entradas de taberna, e desembocavam, com um tom sujo de esgoto aberto, as vielas de todo um bairro de prostituição e de crime.

— Vejam, ia dizendo o conde: vejam toda esta paz, esta prosperidade, este contentamento... Meus senhores, não admira realmente que sejamos a inveja da Europa!

E o homem de Estado, os dois homens de religião, todos três em linha, junto às grades do monumento, gozavam de cabeça alta esta certeza gloriosa da grandeza do seu país. (QUEIROZ, 1875/2002, p. 251)

Contextualizando a obra e apresentando esses recortes textuais, compreende-se que o autor, colocando-se sob a causa da república e da revolução, luta contra as instituições existentes na época — a monarquia, a igreja e a burguesia — admoestando a imprescindibilidade de ação e de ampla transformação social (OLIVEIRA, 2008). Sua escrita torna-se expressão de uma crítica tenaz à sociedade Portuguesa, revelando elaborações de seu inconsciente pessoal, tal qual o encontro com aspectos sociais como a



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

pobreza, a religiosidade, a desigualdade, a dominação espiritual e material das massas pauperizadas, o abuso psicológico e sexual, a representatividade social do padre, a representação social da mulher, o discurso da moralidade cristã, entre outros aspectos dignos de investigação.

Assim, a obra romanesca de Eça de Queiroz pode ser entendida como um instrumento de ação subversiva que ilustra aos leitores as circunstâncias da fé, religião e política quando cooptadas pela lógica colonialista, qual afeta âmbitos coletivos e individuais, pois, como comenta Gaiofatto (2022), a subjetividade se molda por quem (e o que) define a sua vida material. Desse modo, o escrito revela, no desenrolar das narrativas selecionadas, sentimentos, impressões e gestos que evidenciam fenômenos psíquicos, alvos do escrutínio psicanalítico, discutidos amplamente no desenvolver da teoria advinda da escuta clínica. Portanto, a análise de fragmentos da obra servirá de base para a discussão sobre as possíveis dinâmicas estruturantes que marcam a composição da atual conjuntura política brasileira, como também recursos inconscientes que fundam nossa própria constituição desejanse, servindo como base, em termos coletivos, à sujeição das massas ao poder simbólico da religião, categoricamente instrumentalizado a fim de manter certas correlações de poder.

3 MÉTODO

A presente formulação possui caráter exploratório e funda-se sob os pressupostos éticos e metodológicos da psicanálise extramuros, caracterizada pela investigação dos processos inconscientes que ultrapassam as dimensões individuais, estendendo-se para o âmbito das expressões coletivas e sociais, como a política, a literatura, o cinema, dentre tantas outras expressões artísticas. Pretende-se, por essa via, abordar o sujeito enredado nos fenômenos sociais e políticos, excedendo os limites da clínica. O próprio Freud (1933/1996) já chamava a atenção para a psicanálise aplicada, a qual, por intermédio de vários textos e elaborações, propôs-se a alargar o escrutínio analítico ao âmbito da sociologia, religião, história, literatura, antropologia, entre outros.



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

Faz-se importante salientar a concepção freudiana sobre o dispositivo psicanalítico, caracterizado como uma ferramenta de investigação subjetiva que leva em conta processos inconscientes. A pesquisa que lança mão desta pode ser definida como um conjunto de ações destinadas à produção de conhecimento, o qual faz uso de uma série de construtos metapsicológicos, como mecanismos de exame, pesquisa e compreensão dos diversos fenômenos sociais e psíquicos (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006).

Recordemos que Freud pensava a psicanálise segundo três aspectos: um método de investigação do inconsciente, uma teoria e técnica de tratamento, mas também um corpo teórico que sistematiza os modos de funcionamento humano, tanto normal como patológico (DEBIEUX, 2004, p. 7).

Concernente à aplicabilidade da psicanálise em âmbitos não clínicos, expõem-se que Freud, ao fazer uso recorrente da análise de fenômenos coletivos para a compreensão de processos individuais, afirma que a psicologia individual é, ao mesmo tempo, social. Freud, então, recusa a divisão indivíduo-sociedade, ou a divisão psicologia social-individual, demonstrando como as instituições influenciam na modificação psíquica do sujeito e considera que a entrada na vida social impõe modificações a este (ROSA, 2004).

Para Plon (1999), a psicanálise aplicada pode destacar os elementos da subjetividade utilizados nas práticas sociais e, com esse foco, trazer luz ao funcionamento psíquico. No campo dos processos políticos, sugere que se examine os modos de relação transferencial e a disposição pulsional utilizados para governar, pelos modos de evitação da castração a serviço da boa gestão. Conforme Guimarães e Jardim (2022), faz-se interesse da psicanálise deflagrar a política que rege hegemonicamente as relações sociais, pois enquanto inserida nas diversas práticas políticas e comunitárias, nos movimentos sociais e na saúde pública, visa sempre a um processo de desalienação em relação à posição ocupada pelo sujeito que fala e das estruturas de poder que lhe cercam. Ao favorecer a percepção e nomeação das dinâmicas que condicionam o desejo, a psicanálise seria um exercício de denúncia estratégica das formas de colonização deste, pois o desejo é construído e significado por componentes históricos, culturais, raciais, econômicos e de gênero, emergindo em instituições e estruturas de poder



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

tipicidade daquele que produz. São aguardadas interpretações que partem da escuta, com o conhecimento psicanalítico surgindo a *posteriori*, resultado da experiência de pesquisa. Desse modo, a participação ativa do autor dará o corpo à sua produção, tendo por fundamento a teoria psicanalítica, que perpassa sua própria singularidade (MARSILLAC; BLOSS; MATTIAZZI, 2019).

A pesquisa ocorre pela contribuição de autores referenciados, ampliado pela análise pessoal do acadêmico pesquisador. Este, nascido em um lar religioso, conservador, heteronormativo, branco, pertencente à classe popular, desenvolve interesse pelo tema religião desde muito cedo. Vivendo por anos em convívio comunal o exercício da fé, desenvolve apreço pelos serviços sociais que a instituição religiosa propunha como prática. Após uma série de discordâncias teológicas com aspectos dogmáticos que lhe foram instruídos, busca outras formas de conhecimento e experiência, reconhecendo na psicologia e psicanálise uma possibilidade de reler o mundo à sua volta, bem como sua própria forma de lidar com a sexualidade, a espiritualidade e as relações humanas. Durante os estudos de Psicologia, tem interesse pelo pensamento crítico e pela clínica do social, observando as tendências políticas que abarcam boa parte do evangelicalismo brasileiro de onde emergiu. O fenômeno de massas, que culminou no desmonte do estado de direito orquestrado pela onda neoliberal que advogou a implementação de políticas antipopulares — teto de gastos, reforma da previdência, reforma trabalhista, privatização de estatais estratégicas, desindustrialização, enfraquecimento do poder de compra da população, desmanche de órgãos de proteção dos povos originários — tal qual, a eleição do atual presidente, expoente de um discurso de ódio, e a tragédia sanitária vivida sob seu mandato, serviram como componentes mobilizadores, trespassando a vida do acadêmico. Por meio do exame da obra “O crime do Padre Amaro”, volume III, escrito em 1989, viabilizado por olhares e releituras de seus próprios processos inconscientes — sujeito ao tratamento analítico —, desenvolveu transferência e interesse por explanar componentes discursivos que lançassem o olhar investigativo da psicanálise sobre os tópicos moral, religião e política, produzindo o atual artigo.



4 AMÉLIA E A SUBMISSÃO (IN)VOLUNTÁRIA DAS MASSAS

A presente análise se destina ao exame de fragmentos da obra romanesca que fazem menção à apaixonada relação proibida de Amélia e do padre Amaro, aos subterfúgios que Amaro usa a fim de ocultar seu desejo tirânico de dominação — o discurso moral religioso —, tal qual à submissão cega de Amélia, que a faz perder de vista quaisquer que sejam as contradições inerentes ao intercuro amoroso desejado. O trágico destino da relação, apontado desde cedo, revela as circunstâncias danosas que o sujeito pode experimentar quando seduzido pelo fascínio de figuras que se propõem como solução fundamental do desamparo, lançando mão de signos religiosos a fim de promover dominação espiritual/material/psicológica. Com vistas a espelhar a fundamentação teórica elaborada, faz-se importante retomar o eixo principal que a análise seguirá, objetivando, por meio dele, interpretar “O crime do padre Amaro” como recurso metafórico que ilustraria com precisão os mecanismos inconscientes subjacentes à passividade de Amélia e, por conseguinte, à submissão (in)voluntária das massas ao grande líder. Em primeiro, retoma-se o conceito de narcisismo.

Conforme Freud (1914/2010), o termo “narcisismo” advém de considerações clínicas, servindo para designar certa dinâmica inconsciente em que o sujeito considera o próprio corpo como se fosse o de um objeto sexual, uma espécie de investimento libidinal ligada à constituição do eu. Quando bebê, o investimento libidinal derivado do narcisismo parental contribui para a elaboração de um Ego ideal — o bebê percebe-se como alvo do amor dos pais, compondo-se idealmente como falo (entendido simbolicamente como objeto de completude dos cuidadores). *A posteriori*, quando esta configuração narcísica se desmancha ao se chocar com as restrições anunciadas pelas figuras parentais — reconhecendo a sua falta -, passa a se identificar com os genitores, elaborando, por meio disso, um ponto de referência de seu eu chamado Ideal do Ego. Por essa via, persegue o amor a si mesmo que o Ego Ideal experimentou na primeira infância. Portanto, o infante renuncia à onipotência infantil — seus delírios de grandeza — pavimentando a elaboração de um Ideal do Ego, mecanismo que abarca a dimensão do narcisismo



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

primário e torna possível a operação do recalque. Essas mudanças se dão assim que a libido evita a renúncia de satisfação uma vez desfrutada — suposta infantil perfeição narcísica. O que o sujeito projeta adiante como ideal serve como substituição para o narcisismo perdido na tenra infância, quando era o próprio (FREUD, 1914/2010).

Se vê que em Freud (1914/2010), a constituição do Ideal de Ego se desenvolve sob influência crítica dos cuidadores, estendendo-se aos demais sujeitos que compõem as interações sociais. De modo que, para a construção do Eu, faz-se necessário um distanciamento da fase primária para o deslocamento da libido em direção a objetos externos ao Eu infante.

Considerando esses elementos conceituais, percebe-se que o movimento do sujeito em direção ao mundo expressa a tentativa do resgate de amor a si mesmo advindo do outro. O imenso depósito afetivo e expectante em membros específicos da sociedade apresenta rastro da nostalgia de seu ideal narcísico. Em outras palavras, é na interação com este outro que o sujeito é inscrito no mundo e se vincula aos lugares sociais. Para Dunker *et al.* (2022), esses lugares se alteram conforme condições materiais, históricas e linguageiras, atravessando a produção das subjetividades emergentes, formando discursos e dispositivos sociais nos quais constituem-se.

Em “O crime do padre Amaro”, Amélia, desde criança, ouvira histórias de amor que retratavam o romance proibido entre um padre e uma bela moça, romance que acabara pela decisão unilateral do padre em abandonar o vilarejo que morava, deixando apenas uma bela música, que nas teclas de um piano expressava de forma sublime a tristeza por não viver a paixão. A bela melodia, que aprendera de um velho professor de música, tocava-lhe profundamente quando se deixava carregar por sentimentos e devaneios, reproduzindo-a no instrumento de seu aconchegante lar. Aqui, vemos Amélia expressando-se artisticamente como forma de elaborar seus desejos sexuais infantis — a nostalgia do amor do outro —, criando formas sublimes de traduzir seus anseios, tecendo laços no social e abrindo espaços à invenção do belo. Entretanto, Amaro Vieira encarnara, a *posteriori*, este amor ideal, alimentado por anos no coração da moça, substituindo a fantasia pelo ato, com rastros do incestuoso. Amar um padre e ser amada por ele correspondia a um profundo



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

desejo de viver a grande paixão perdida, nostalgia da satisfação pulsional narcísica que desejava quando infante. O lugar do padre fora minuciosamente construído no aparato social de Leiria, tal qual nas fantasias inconscientes de Amélia, que desejava ser amada por tal representante divino.

Amélia, que “não conhecera papá” (p. 50), fora educada entre os padres, desejando ser uma “freirinha, muito bonita, com um véuzinho muito branco” (p. 50). Os padres a lembravam “sempre dos castigos do Céu; de tal sorte que Deus aparecia-lhe como um ser que só sabe dar o sofrimento e a morte, e que é necessário abrandar, rezando e jejuando, ouvindo novenas, animando os padres” (p. 50). Submeter-se aos apelos de Amaro Vieira servilmente, enaltecer as palavras, a presença, os toques e os beijos do padre, revelavam o lugar privilegiado que colocara a imagem deste no funcionamento de seu psiquismo — o Ideal de Ego. Quanto mais cega de paixão tornava-se, mais via-se como gozando de privilégios celestes a poucos reservados. Quanto mais servia, mais identificava-se com o prazer perverso do outro em se apossar de sua própria mente e corpo, pois “gozava em se humilhar, oferecer-se sempre, sentir-se toda dele, toda escrava”. Cabe pontuar o lugar edípico dessa cena, pois Amélia, ao amar o proibido padre/pai, se humilha, adotando uma posição passivo-masoquista como forma de lidar com a culpa inconsciente de profanar o sagrado e interdito. Essa configuração é explanada em “O problema econômico do masoquismo” (1923/ 1996), em que Freud, no desenvolvimento do conceito de Superego, discute o dinamismo inconsciente que se entremeia entre a pulsão de vida e morte, apontando a expressão do masoquismo sob três modos: (1) como condição para a excitação sexual; (2) como expressão da natureza feminina; (3) como norma de conduta na vida, ligando-se a um sentimento inconsciente de culpa. Quanto à terceira forma de masoquismo, Freud (1923/ 1996) a traduz como a necessidade de castigo nas mãos de um poder parental, traço da sexualização das imagos infantis anteriormente introjetadas na resolução do Édipo, atualizando o conflito sexual infantil. Em outras palavras, Amélia, ao encarar Amaro como representante do pai, tem a consciência moral rebaixada, substituindo seu superego pelos apelos de Amaro, sujeitando-se a ele de maneira masoquista a fim de diminuir seu sentimento de culpa excitado via intercurso sexual.



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

Cabe agora, a fim de estender o escopo de análise, apresentar a similaridade entre a submissão passiva de Amélia ao poder do padre — pavimentado pelo discurso moral/religioso — e as reverberações dinâmicas do pulsional nas massas, quando estas orbitam em torno de uma espécie de ‘grande pai’. Ao falar sobre o fenômeno de identificação, Freud (1921/1976) ressalva que, na dinâmica psicológica das massas, os sujeitos tendem a perder parte de sua independência psíquica, submetendo-se às impressões do grupo como que compartilhando de uma mente coletiva, agindo e pensando de maneiras distintas do que cada um sentiria e agiria isoladamente. Exemplificando esse processo por meio de duas grandes massas organizadas — a igreja e o exército —, propõe que “ambas as organizações só existem na medida que [...] prevalece a ilusão da existência de um chefe supremo” (ENRIQUEZ, 1990, p. 61), atualizando a ilusão do amor do chefe para com seus seguidores, representado pela mesma qualidade. Em *Psicologia das Massas*, Freud (1921/1976) compreende o surgimento destas, constituindo-se por laços libidinais que unem todos os membros entre si, orbitando em torno de um líder.

Aquilo que une o indivíduo ao grupo encontra seu fundamento num investimento amoroso e libidinal, em que um traço simbólico do líder funciona singularmente a cada sujeito como seu ideal de Ego, cimentando assim a coesão social horizontal (INDURSKY, 2020, p. 5)

Esse mecanismo, por sua vez, levaria os componentes do grupo a sacrificar facilmente seu interesse pessoal ao interesse coletivo, sustentando, desse modo, sua atual configuração narcísica. Com esse molde primário, é possível que a massa aceite, subalternamente, qualquer ordem vinda do líder, com poucas forças de contra argumentação, assumindo qualquer forma, admitindo a mais apaixonada cegueira, por mais nefasta que seja, para a defesa de seu projeto. O que fundamentaria a tendência das massas a “jamais viver sem um senhor” (FREUD 1921/1976, p. 21) e daria ao símbolo da autoridade o seu poder seria o germen do lugar da exceção e desmesura, aquela espécie de pai primitivo que se coloca a parte da lei para a fundar retomando Totem e Tabu.

Ainda sobre o enamoramento das massas e os ganhos secundários desse sintoma, faz-se interessante a leitura de Theodor Adorno (1977/2006), sobre a propaganda política do Terceiro Reich. Diante do contexto pós-guerra



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

de uma Alemanha vencida, cuja crise econômica se acentua trazendo declínio à figura paterna perante ao processo de industrialização que mobiliza novos atores sociais e fontes de identificação, Adorno (1977/2006) mostrou que o motivo de os cidadãos da Alemanha depositarem sua fé num líder tirânico, os quais não tinham fundamentalmente por ambição realizar um genocídio, era enfaticamente uma lógica do ressentimento que admitia o culto da pureza germânica a mecanismos de segregação racial, em nome do reestabelecimento da soberania e estabilidade perdida. Entretanto, o que a nova soberania promoveu não foram exatamente novas e melhores leis de proteção e segurança aos cidadãos, mas a possibilidade de que esses limites fossem suspensos e transgredidos controladamente à preferência da determinação do *Führer*. Pois, como pontuado acima, o fundamento simbólico do grande pai também guarda um gérmen do lugar de exceção e de desmesura. Portanto, a submissão de Amélia, observada no romance como a passividade das massas nos fenômenos religiosos e políticos apontados por Freud, pode ser utilizada como recurso alusivo ao fenômeno de massas vivenciado na atual conjuntura política do país, evidente no erigir de peculiares “messias”, que ao utilizarem de signos religiosos e discursos moralistas, apresentam-se como solução salvífica — escapando, desse modo, às contradições que o debate político impõem. Telles e Safatle (2015) comentam que a história da democracia ocidental é, muitas vezes, um retorno hesitante ao núcleo teológico-político do poder, quanto também às suas figuras fortemente religiosas e militarizadas. Quando essas figuras retornam, deflagra-se o fato de nunca termos conseguido abandonar essas concepções de liderança, e nunca termos nos livrado de uma realidade social que tem a guerra e a religião por matriz fundamental de relação.

Em “O crime do padre Amaro”, Amélia se permite gozar, ultrapassando os limites sociais impostos pela cultura e religião, em nome do padre. Porquanto “era este poder divino do padre, esta familiaridade com Deus, tanto ou mais que a influência da sua, voz — que a faziam crer na promessa que ele lhe repetia sempre: que ser amada por um padre chamaria sobre ela o interesse, a amizade de Deus” (p. 235). Similarmente, as massas permitem-se gozar de satisfação narcísica, tal como dar vasão a pulsões de morte, em



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

nome das causas do líder, em nome de ‘Deus’, da ‘família’ e da ‘pátria’. Tais massas podem até relativizar a morte de milhares de filhos sob o signo da ‘austeridade fiscal’ ou sob a chancela de uma certeza negadora, que obtusa o reconhecimento de, inclusive, constatações científicas envolvendo medidas de proteção ao contágio massivo de SARS-CoV-2, bem como a urgência de vacinações em massa, sustentando, desse modo, uma política de morte. Em Guimarães e Jardim (2022), há trágicas indagações sobre o que explicaria, do ponto de vista da racionalidade jurídica, econômica e constitucional, a ascensão de um projeto político de extermínio da nação, promovendo, em pleno século XXI, a reedição brasileira do horror eugenista. Perplexo, o autor pergunta-se sobre o destino dos ecossistemas brasileiros, entregue nas mãos dos ruralistas enquanto os protetores das florestas lutam até os limites contra a lógica do mercado sobre os territórios, indicando um movimento obscurantista e seu recuo cultural em direção ao medievo até negar a racionalidade iluminista, científica e acadêmica, cultuada como fundante da civilização, em plena pandemia mundial. Para Reich (1933/1974), o fascismo como fenômeno de massa, que com facilidade se capilariza nos diversos grupos sociais promovendo adesão, apresenta eficácia em possibilitar a catarse dos ódios, autorizando ao homem médio, o “Zé Ninguém”, a tentativa de recuperar um suposto mundo puro, branco e sem falha, gerindo a vida de alguns e a morte de outros.

Para Adorno (1977/2006), além do mecanismo inconsciente de satisfação narcísica e a temporária suspensão do juízo comum, as massas se tornam ligadas e subalternas ao líder por intermédio de vínculos eróticos reprimidos, de maneira que um dos fundamentos básicos da liderança fascista é manter a primária energia da libido em um nível inconsciente, transmutando suas manifestações a uma função adequadamente política. Quanto menor a objetividade de uma ideia — como a de salvação religiosa —, mais poderosa ela é na formação de massas. Quanto mais a manipulação da massa se torna o único objetivo, mais completamente o amor desinibido deve ser reprimido e transformado em obediência. Isso criaria nas massas uma atitude passivo-masoquista, visto que ao investir libidinalmente na figura do líder — substituto da instância reguladora de sua noção de “juízo” —, se sujeitariam às



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

exigências dele. Quanto mais seu comportamento político se tornasse incompatível com seus próprios anseios racionais enquanto ente privado, assim como com seu grupo ou classe à qual de fato faz parte, mais se sujeitariam ao líder. No romance, Amélia submete-se servilmente aos apelos de Amaro, pois “ela abandonara-se lhe absolutamente, toda inteira, corpo, alma, vontade e sentimento: não havia na sua pele um cabelinho, não corria no seu cérebro uma ideia a mais pequenina, que não pertencesse ao senhor pároco” (p. 233), agindo, inclusive, contra a própria vida, para manter o sacerdócio intacto. Amélia amava e odiava Amaro, porém seu ódio — passível de repressão —, redirecionava-se contra si e contra todos aqueles que ousavam desestabilizar tal fantasia grandiosa. Quanto maior o sofrimento, maior o ódio reprimido que, revertido contra si, fundava um gozo masoquista e submisso.

Além de ser alvo das próprias agressões, Amélia decide seguir os conselhos de Amaro, escondendo sua gravidez de todos, atravessando a gestação em um lugar distante e sem o acompanhamento necessário para uma gravidez saudável. Amaro passa a ver o nascimento do filho como uma ameaça à sua imagem sacerdotal, assim como à série de privilégios que gostaria de manter naquela sociedade portuguesa. Articula, a partir disso, o sumiço da criança. Amaro, como representante de uma falsa moralidade e religiosidade, atenta contra aquilo que, caso desenvolvesse, poria em colapso o que tão tenazmente mantinha — seu poder simbólico atualizado na imagem do padre. Considerando que a imagem do sacerdote servia de fonte de identificação de Amélia, como também objeto erótico de seu desejo, Amaro só poderia lhe servir se continuasse sustentando esse papel social e simbólico.

Para Gaiofatto (2022), a religião como um fenômeno social produziria a alteridade (Deus) que orientaria os sujeitos no mundo material, correspondendo às demandas estabelecidas por essa alteridade suprema. Isso serviria ao discurso dominante, pilar fundamental da constituição dessa alteridade, que impede certas formas de ação e pensamento, atribuindo a responsabilidade dos dominados de corresponder a esse poder, substituindo, dentro de determinadas conjunturas políticas, o poder divino pelo poder da classe que domina. Adorno (1977/2006) comenta que um dos traços mais



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

distintos do discurso fascista seria a ausência de um programa positivo e de qualquer coisa que ele pudesse dar, como também a prevalência contraditória de ameaça e negação, pois o líder só poderia ser amado se ele próprio não amar, reservando todo seu dispêndio amoroso à segurança do próprio narciso. Por consequência dessa constelação psíquica, haveria o dispêndio de impulsos sádicos àqueles que se apresentassem como risco à manutenção dessa ordem. No caso de Amélia, o filho cumpre a função de objeto dos impulsos hostis, na tentativa de manter Amaro como padre.

Pontua-se que, à semelhança do sentimento religioso, Amélia recusava-se a abandonar a ilusão do padre/pai, representante divino que lhe conferia lugar privilegiado no intercurso de suas fantasias, e que, o contexto político brasileiro, quando marcado pelo recrudescimento do sistema capitalista, recorre a signos religiosos como artifício de dominação, agindo, em certo sentido, como antipolítica. Esse discurso moral religioso, apresentando rastros de nostalgia do ‘grande pai’, carrega alusões de caráter regressivo, que assumidos por determinadas massas, tendem a neutralizá-las como movimentos críticos. Elas ao adentrarem o campo do embate político, marcado por interesses que se contrapõem, esquecem-se de elementos essenciais, como a defesa de condições fundamentais de sobrevivência, o reconhecimento de seus interesses de classe, gênero e raça. Por intermédio dessa forma de hipnose coletiva, engendrada pelos fartos aparelhos ideológicos, explanado por Merlin (2019), forma-se a base de uma configuração social que tem como fundamento a exploração em nome de abstrações imprecisas, imbuídas de forte apelo simbólico, como “Deus”, “família”, “valores” e “liberdade”

— condição de fuga da sua realidade material. Na medida em que a fantasia do grande pai serve como tentativa de aniquilação do desamparo constitucional — visto que se apresenta como inteiro — ou como resposta à demanda de amor do outro, cravada no desenvolvimento libidinal do sujeito, tende-se a neutralizar as expressões sublimadas do desejo, elucidadas pelas artes e mobilizações sociais, na construção de outros pactos civilizatórios. O desafio está em direcionar o caminho à emancipação, lidando com os imperativos que se apresentam adiante, permitindo-se encontrar os furos nos discursos



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

previamente fixados como norma absoluta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por intermédio da teoria psicanalítica, “O crime do Padre Amaro” nos permite delinear as dinâmicas inconscientes que subjazem à submissão de Amélia, bem como toda uma comunidade, sob poder simbólico da religião cristã, instrumentalizada por figuras políticas e sacerdotais a fim de exercer dominação e controle, eximindo das próprias demandas os que a estes poderes se sujeitam, como entes políticos e desejanter. Destaca-se que esta dinâmica, concretamente danosa, oferece às massas ganhos secundários, como a satisfação inconsciente de fantasias infantis, configurações narcísicas que lhes permitem gozar impulsos sádicos e destrutivos, e a condição fundamental de fuga de sua realidade material e psíquica, obliterando a constatação fatídica da castração e desamparo — humanidade historicamente forjada. Cabe pontuar que o discurso moral religioso, peça do tecido social brasileiro, oferece elementos de identificação sugestivos, que, quando utilizados pelas classes sociais detentoras do poder — político, econômico, material e midiático —, ganham expressão por seus representantes políticos, os quais exercem competência de convencimento acrítico àqueles que, submetendo-se servilmente à sua influência, esquecem dos próprios interesses fundamentais. Em paralelo, a Amélia quando tenta preservar a ilusão do padre, sujeitam-se a condições de precariedade material brutal. Alude-se, a partir desta análise, a semelhança do atual contexto sócio/político brasileiro marcado por grave crise sanitária, boicotes constantes a medidas de proteção ao contágio massivo do vírus, atraso de compras de imunizantes, acentuamento vertiginoso da desigualdade de classes sociais, precarização do trabalho, índices trágicos de desemprego, tal qual o aprofundamento das marcas de um capitalismo dependente, que tem como característica a reprodução de uma lógica colonialista que sabota o desenvolvimento do próprio país, dando curso à desindustrialização, corte de investimentos públicos em saúde e educação, e o aprofundamento da superexploração do trabalho. Evidencia-se, para manutenção do atual estado de torpor, a



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

utilização de discursos repletos de suposta moralidade e de apelo ao imaginário religioso — pelos quais o país fora historicamente forjado e que encontram terreno inconsciente propício para sua germinação. Aponta-se, por fim, o desamparo, movimento disruptivo como condição fundamental para a subjetivação, elaboração e construção, elemento primordial na composição de novas formas de vida e organização coletiva.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista**. Trad. Gustavo Pedroso. Margem Esquerda “ensaios marxistas”. São Paulo: Boitempo Editorial, v. 7, 2006. Original publicado em 1977.
- CONASS. **Painel Nacional: COVID-19**. Disponível em: <https://www.conass.org.br/painelconasscovid19/>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- COTRIM, Gilberto. **Saber e fazer história**. São Paulo: Saraiva, 1999.
- COUTO, Fernanda Cristina. **Análise do romance realista o crime do padre amaro sob uma abordagem sociológica**. V Seminário Nacional de Literatura, História e Memória. Outubro de 2005.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz *et al.*, (org.). **Marxismo, Psicanálise e Revolução**. São Paulo: Lavrapalavra Editorial, 2022.
- ENRIQUEZ, Eugène. Da horda ao Estado. **Psicanálise do Vínculo Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 Ago. 2021.
- FERNANDES, Florestan. **Brasil, em compasso de espera: pequenos escritos políticos**. Editora Hucitec, 1980.



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

FREUD, Sigmund. O ego e o id e outros trabalhos. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas de completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, v. 19, 1996. Original publicado em 1923.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneio. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, v. 18., 1996. Original publicado em 1908.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do ego. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Original publicado em 1921.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1990, Original publicado em 1913.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. **Obras completas,** São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Original publicado em 1914.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, v.21, 1996. Original publicado em 1930.

FREUD, Sigmund. O Futuro de uma Ilusão. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, v. 21, 1996. Original publicado em 1927.

FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, v. 20, 1996. Original publicado em 1926.

FREUD, Sigmund. O caso de Schreber. Artigos sobre técnica e outros trabalhos. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, v. 13, 1990. Original publicado em 1913.

FREUD, Sigmund. Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise – A



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

Questão de uma *Weltanschauung*. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 22, 1996. Original publicado em 1933.

FREUD, Sigmund. O Futuro de uma Ilusão. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 21, 1990. Original publicado em 1927.

FREUD, Sigmund. A aquisição e o controle do fogo. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 26, 1976. Original publicado em 1932.

GAIOFATO, Gustavo Nassar. As coisas brutas e refinadas: Materialismo histórico e psicanálise. In: DUNKER, Christian Ingo Lenz *et al.*, (org.). **Marxismo, Psicanálise e Revolução**. São Paulo: Lavrapalavra Editorial, 2022. p. 202-221.

GARRIT, Marcio. **Freud e o perigo na formação das massas**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 06, Ed. 02, Vol. 07, pp. 111-127. Fevereiro de 2021. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/formacao-das-massas>

GOLDENBERG, Ricardo. **Política e psicanálise**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2006.

GREEN, A. A reserva do incrível. **O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1994. Original publicado em 1982.

GUIMARÃES, Thessa; JARDIM, Raoni Machado M. Uma tarefa política para a psicanálise brasileira. In: DUNKER, Christian Ingo Lenz *et al.*, (org.). **Marxismo, Psicanálise e Revolução**. São Paulo: Lavrapalavra Editorial, 2022. p. 89-117.

INDURSKY, Alexei Conte. Psicanálise, fascismo e populismo: notas sobre a emergência do bolsonarismo no Brasil. **Teoría y Crítica de la**



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

Psicología, v. 14, p. 150-162, 2020.

LAPLANCHE, J. **Novos fundamentos para a psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Original publicado em 1987.

MARCUSE, H. **Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Rio de Janeiro: LTC – livros técnicos e científicos editora S.A, 1999.

MARSILLAC, Ana Lúcia Mandelli de; BLOSS, Gerusa Morgana; MATTIAZZI, Thiciara. **Da clínica à cultura: desdobramentos da pesquisa entre psicanálise e arte**. Estudo, pesquisa e psicogogia., Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 787-808, set. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812019000300014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 Ago. 2021.

MERLIN, N. Colonização da subjetividade e neoliberalismo. **Revista GEARTE**, [S. l.], v. 6, n. 2, 2019. DOI: 10.22456/2357-9854.92906. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/92906>. Acesso em: 17 maio. 2022.

MORANO, Carlos Dominguez. **Crer depois de Freud**. Edicoes Loyola, 2003.

OLIVEIRA, Penha Heloiza de *et al.* **O mundo interior em O Crime do Padre Amaro De Eça de Queiroz**. 2006.

PLON, M. “**A face oculta da análise leiga**”, *Ágora*, v. II, n. 1, 1999, Rio de Janeiro, Contra Capa QUEIRÓZ, Eça de. **O crime do Padre Amaro**. São Paulo: São Paulo Editora S.A., 1875/2002.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massa do fascismo**. Porto: Escorpião.



Psicanálise, religião e política: um estudo psicanalítico a partir da obra “o crime do padre amaro”

(Original publicado em 1933), 1974.

ROSA, Miriam Debieux. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Subjetividades**, v. 4, n. 2, 2004.

SHIGA, Ésther Melo. **Reflexões Sobre o Desamparo**: A questão do pai na religião e na psicanálise. Orientador: Maria Rita Salzano Moraes. 2015. 91 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

TELLES, Sérgio. **Refletindo sobre grupos e massas**. *Jornal de Psicanálise*. São Paulo. v.48, n.88, p.315-322, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v48n88/v48n88a25.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir Pinheiro. **O que resta da ditadura**: a exceção brasileira. Boitempo Editorial, 2015.

